

Esta coleção tem como objetivo proporcionar textos que sejam acessíveis e de indiscutível seriedade e rigor, que retratem episódios e momentos marcantes da História, seus protagonistas, a construção das nações e as suas dinâmicas.

## Índice

<i>Prefácio</i> .....	9
1. Mito e fascismo .....	15
2. Freud, fascismo e o regresso do mito.....	45
3. Borges e o fascismo como mitologia .....	71
4. Borges e a persistência do mito.....	89
5. Uma história fascista: A teoria política do mito de Carl Schmitt.....	103
<i>Conclusão</i> .....	121
<i>Agradecimentos</i> .....	131
<i>Notas</i> .....	135

## Prefácio

Para os fascistas o mito era tudo. Os fascistas enfatizavam o facto de o mito ser a chave para explicar o mundo e, acima de tudo, a sua motivação para o mudar. Para Mussolini, o fascismo criou o seu próprio mito. O mito era «uma fé e uma paixão», e mesmo se inicialmente os mitos não fizessem parte da realidade, o fascismo iria transformá-los numa «realidade absoluta».<sup>1</sup> No fascismo, o mito impunha-se à realidade e, por isso, esta não podia representar um obstáculo ao mito. A natureza mítica do fascismo era igualmente definida pela imposição de fronteiras peculiares entre as verdades fascistas e a natureza falsa do inimigo.<sup>2</sup>

Os fascistas realçavam as dimensões míticas do poder, acreditando que o seu líder incorporava e dava continuidade a mitos antigos de civilização, de nação e de povo. Ainda assim, o mito, ou antes, os mitos do fascismo fazem parte da longa história da imaginação política moderna. Estes mitos estão, e estiveram, relacionados com os anteriores mitos clássicos, mas, simultaneamente, foram drasticamente diferentes deles. Os fascistas levaram a mitologia política a um extremo político nunca visto na história, fabricando mitos a um nível que anteriormente não tinha sido observado.

Neste trabalho, abordei estas dimensões míticas do fascismo. Estudei as suas diferentes variações contextuais e ideológicas no

desenvolvimento do mito fascista nas políticas do outro lado do Atlântico, especialmente os anos da era do fascismo, entre 1919 e 1945.

Adotando um ângulo antifascista mais específico, este livro delinea os percursos nacionais e transnacionais que levaram pensadores como Sigmund Freud e Jorge Luis Borges, que viveram e escreveram durante o processo de construção ideológica e de execução prática dos mitos do fascismo, a ponderar as relações conceptuais e práticas entre as vítimas de um trauma e os mitos ideológicos dos seus agressores. Por outras palavras, neste livro proponho que as obras de Freud e de Borges podem ser abordadas de modo a considerar as dimensões ideológicas e míticas mais radicais do fascismo e do Holocausto. É também aqui analisado o trabalho do pensador alemão nazi Carl Schmitt, que contribuiu com um capítulo longo, embora geralmente negligenciado, para a história dos mitos do fascismo.

Destá forma, complementando e expandindo trabalhos que elaborei anteriormente sobre o fascismo, a ditadura, e as mentiras ideológicas que engendram, realço as perspetivas interpretativas de Freud e de Borges, e de outros pensadores críticos, relativamente aos processos de vitimização impulsionados pelas mitologias fundamentais das políticas fascistas. Destaco, mais especificamente, a necessidade de estes processos serem considerados parte efetiva de um espectro mais lato de encontros míticos e traumatizantes. Nestes encontros, o sacrifício do corpo — quer sob a forma de autossacrifício, quer como ação sacrificial direta para com o Outro — obedece às ordens de uma ideologia mítica radical. Esta situação ideológica representou uma deslocação acentuada do mito clássico do herói para a mitologia moderna do líder. Para esta ideologia, não havia distinções entre mito, poder e violência.

O fascismo é uma filosofia de ação política que atribui um valor político e mítico absoluto à violência e à guerra no domínio político, concebendo o campo político como estando enraizado em instintos primordiais e na violência. Por outras palavras, no fascismo, a legitimidade dos mitos é a base da política. A violência, na sua forma mais pura, é apresentada como a base do poder político. O fascismo concebe-a como a atualização de uma espécie de inconsciente mítico que vive no homem e que se move ao longo da história, mas que também a transcende. Neste contexto, a mitologia de um Eu interior, ao mesmo

tempo essencialmente violento e político, substitui a história como a legitimação da ação. Os fascistas acreditavam que a verdadeira política se baseava na modernização do mito. Numa visão basilar fascista, esta modernização representava uma notável atualização dos mitos clássicos. Como veremos, esta secularização política do mito heroico clássico constituía o mito do fascismo.<sup>3</sup>

Fascistas de diversas origens e trajetórias, desde o ditador italiano Benito Mussolini ao argentino Leopoldo Lugones, partilharam esta percepção do mítico como uma nova forma de política. Viam-no como uma renovação moderna da política de massas, legitimando uma forma extrema de governo autoritário em que a soberania popular era confundida com imagens clássicas do herói mitológico, bem como com a ditadura como a derradeira expressão do povo, do líder e da nação.

Esta ideologia do mito destila da imensidão de fontes fascistas através do Atlântico e além dele. Para elas, o mito torna-se sujeito de adoração, mas também uma fonte essencial de legitimidade política e de mobilização. Se, para fascistas como Carl Schmitt, esta conceção mítica não pode ser esquadrihada porque representa um todo sagrado, é o olhar incipiente dos pensadores críticos antifascistas dos anos 1920 e 1930 que reconstitui a mitologia do fascismo: do mito ao conceito, do sujeito de fé ao objeto de análise.

Sigmund Freud foi um dos primeiros intérpretes a explorar as dimensões míticas do fascismo. Via-as como uma reformulação mítica da morte e da violência, e apresentava-as como estando diretamente ligadas ao inconsciente. O fascismo rejeitava o apelo freudiano à construção de pontes autorreflexivas entre o consciente e o inconsciente. Na verdade, a ideologia fascista avançava a ideia de que, através de alguma forma de ligação direta com o Eu interior, a morte e a violência se tornariam fontes de poder político. Freud, e também Borges, foram especialmente perspicazes em ver e analisar esta dimensão essencial do fascismo. Este livro foca particularmente as interpretações que estes dois autores fizeram das ideologias e das teorias do Eu interior que o fascismo lia à luz de um prisma mítico, e o porquê e como é que esta leitura possibilitou a emergência da violência genocida fascista.

Estas discussões apresentam frequentemente uma história de afinidades paralelas que, como nos casos de Borges e de Freud (ou mesmo

de Schmitt), não apresentam ligações explícitas entre si. Contudo, em muitos outros casos, estas discussões convergem, e os atores lêem-se e debatem-se uns aos outros em todo o espectro político. Em particular, ao longo dos anos entre guerras e nos anos de guerra, muitos fascistas e antifascistas relevantes leram Freud para pensar, usar ou negar as suas teorias sobre normas, a política e o inconsciente. Fizeram-no num contexto transatlântico que incluiu antifascistas como José Carlos Mariátegui e Ernst Cassirer e ideólogos fascistas, desde o líder fascista brasileiro Plínio Salgado a Mussolini e muitos outros.<sup>4</sup> Apesar das diferenças políticas absolutas, mais precisamente definidas pelo significado anti-iluminista do fascismo, muitos fascistas e antifascistas sublinharam as relações profundas entre fascismo, mito político e liderança. A partir de posições diferentes, todos salientaram o desejo fascista de abraçar o poder dos mitos. Ou, por outras palavras, todos salientaram que os fascistas consideravam as afirmações míticas como sendo mais significativas do que as manifestações empíricas.

Para antifascistas como Borges e Freud, claro, era crítico que não se pudesse aceitar as premissas não-históricas das mitologias fascistas. O fascismo demonstrou que o mundo mudou rapidamente, do secularismo e da razão para a fé. Isto não foi um mero regresso de velhos mitos que, na verdade, tinham servido uma função diferente. Os mitos fascistas modernos promoveram a desumanização, a obediência e a rejeição do pluralismo e da autonomia na política e na história. Os mitos clássicos ou a religião já não desempenhavam um papel na sustentação de posições ou normas éticas. Neste sentido, Hannah Arendt observou, em 1951, que «quer queiramos quer não, há muito que deixámos de viver num mundo em que a fé no mito judaico-cristão da criação é suficientemente segura para constituir uma base e uma fonte de autoridade para as leis atuais». Para Arendt, os entendimentos míticos da história «têm uma característica em comum: assumem que algo estava lá, adquirido, já estabelecido antes de a história humana ter realmente começado; por outras palavras, a direção da história estava além do esforço humano, e as suas leis surgiram de uma fonte transcendente (ou evento) e só podiam ser obedecidas ou desobedecidas». Isto era, para Arendt, uma dimensão essencial por detrás dos crimes da «tragédia da nossa era».<sup>5</sup>

## PREFÁCIO

Para pensadores como Arendt, a quebra mítica da razão foi um ato de autoengano. Mas Arendt não abordou suficientemente o porquê e como funcionava o mito. Neste contexto, é especialmente nos casos de Borges e de Freud que podemos ver uma grande tentativa de pensar o mito a partir de dentro, sem subscrever os seus pressupostos transcendentais, fantasias e elementos imaginários. Em contraste, o pensamento mitológico de Carl Schmitt apresentou uma ilustração complexa do pensamento mítico enquanto rejeitava a razão. Como demonstrarei, o resultado desta tentativa foi uma consideração crítica em relação aos limites e ao alcance da dicotomia entre mito e razão e como a ênfase nesta dicotomia foi central para a ideologia do fascismo. No nosso próprio presente, onde o mito e as mentiras políticas voltaram ao centro da política, as críticas antifascistas de Borges e de Freud adquirem uma nova força. A sua crítica ao mito do fascismo fornece-nos ferramentas para combater as novas mitologias perigosas do presente.